

Reportagem Especial

SAÚDE EMOCIONAL NA PANDEMIA

Prejuízos no desenvolvimento preocupam

Sintomas de ansiedade e depressão nas crianças não são as únicas preocupações dos especialistas. Prejuízos no desenvolvimento social e de aprendizado infantil também estão sendo observados e estudados.

Coordenador do Grupo de Trabalho de Saúde Mental da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), o psiquiatra Roberto Santoro explica que o desenvolvimento da criança ocorre em meio à interação social.

“Essa privação da interação e das atividades vai gerar problemas de desenvolvimento, com toda certeza. As crianças pequenas podem sofrer com a regressão do comportamento também”, disse.

O pediatra Ramon Minarini, coordenador da Medicina Preventiva da Samp, relatou que estão surgindo no consultório casos de regressão no comportamento ligados ao isolamento social.

“Nas faixas etárias mais novas, tenho visto a regressão dos marcos do desenvolvimento. Por exemplo, crianças que já tinham saído da fralda, voltando a dormir na cama dos pais. Tem sido um cenário comum nessa faixa”, ilustrou.

Ele destaca também preocupações quanto à alfabetização. “A criança que é alfabetizada com até 8 anos de idade, chega aos 16 anos apta a fazer o vestibular e escolher uma profissão. Isso deve se perder, a alfabetização está prejudicada”, observa o pediatra.

A psiquiatra infantil Fernanda Mappa explica que, nos primeiros cinco anos de vida, há uma janela de possibilidades de desenvolvimento. “Não podemos pensar a falta de interação apenas pelo aspecto social. Esse distanciamento e a falta de interação no ambiente escolar vêm promovendo déficits importantes no quesito socioemocional”.

FORA DA CRECHE



MARIANA PIRES / DIVULGAÇÃO

Apreensão com os impactos futuros

A pequena Maria Alice Ewald Teixeira, de 2 anos, ainda estava em seus primeiros meses na escola quando a pandemia começou e veio o isolamento social.

Depois de tanto tempo sem interação, a mãe dela, Bárbara Ewald,

25, está preocupada com seu desenvolvimento. “Logo que ela começou a se adaptar, teve de sair da creche e ficou sem interação por meses. Com a flexibilização, procuramos fazer atividades com outras crianças e, no começo, ela ficou com medo”, con-

tou a mãe.

“Eu fico preocupada com o futuro dessas crianças que estão aprendendo, no começo do relacionamento, que não podem encostar, brincar junto. Como serão quando adultas?”, questiona Bárbara.

Já a pedagoga Cláudia Laet aponta que crianças na faixa dos 2 anos de idade estão desenvolvendo os conceitos sociais. “Então, a interação social é fundamental na formação dessa criança para o desenvolvimento cognitivo, emocio-

nal, educacional, e ainda não sabemos o impacto que isso terá no futuro, nessa nova geração”.

A especialista em Educação Jainaína Spolidorio diz que é possível recuperar as perdas, mas é um processo difícil. “A dificuldade de re-

cuperação é maior quando passa da idade. A neurociência nos explica, por meio de evidências, que temos alguns períodos nos quais há mais facilidade para aprender. Coisas que a criança não explora agora podem ter lacunas mais à frente”.

Atraso na fala aumenta busca dos pais por fonoaudiólogo

Atrasos na fala das crianças também têm preocupado os pais. Por conta disso, eles estão procurando mais os fonoaudiólogos.

A fonoaudióloga Mariana Nunes avalia que a falta de interação com outras crianças pode ser o motivo, mas não é o único. “Junto dessa privação de estímulos decorrente do isolamento, há também a limitação dos estímulos dados pelos próprios pais em casa. Hábitos como não brincar e conversar com o filho, além do uso excessivo das telas, com objetivo de entreter a criança”.

Coordenadora do Departamento de Linguagem da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa), a fonoaudióloga Cíntia Salgado Azoni diz que o maior tempo de crianças diante de televisão, jogos e celular tem contribuído para o atraso. “Com o maior uso de telas, há uma menor interação com os pais. A linguagem é mediada pela interação com o outro. Não é o isolamento em si que causa essa demanda”.

Para a fonoaudióloga Ana Carina Tamanaha, coordenadora do Comitê de Linguagem Oral e Escrita da Infância e Adolescência da SBFa, o distanciamento social deve ser considerado mais como uma circunstância que agrava a situação.

“Dificuldades de interação social, atraso de fala ou outras manifestações de comunicação mencionadas pelas famílias merecem atenção e investigação adequada, incluindo avaliação fonoaudiológica”, destaca, em nota.

SAIBA MAIS

Sono e pesadelos

> **DIFICULDADES** para dormir ou manter o sono, frequência maior de pesadelos, medo de dormir e querer voltar a dormir na cama dos pais podem ser sinais de ansiedade ou estresse tóxico. Com o medo, o corpo da criança produz mais cortisol, o hormônio do estresse, o que atrapalha o sono. O ideal é manter o ambiente mais calmo e a rotina, que traz sensação de segurança para a criança.

> **DORMIR DEMAIS** ou trocar o dia pela noite, principalmente em adolescentes, pode ser sinal de alerta para ansiedade ou depressão.

Alimentação

> **A ANSIEDADE** pode levar a alterações de apetite, fazer perder o apetite ou comer demais – e, como consequência, levar a um aumento de peso. É preciso compreender a criança ou o adolescente sem puni-los.

Regressões de comportamento

> **ALGUMAS CRIANÇAS**, principalmente as menores, estão apresentando comportamentos de regressão devido ao estresse e à ansiedade.

> **SÃO CRIANÇAS** que querem voltar a dormir com os pais, voltam a fazer xi-

xi na cama, que estavam aprendendo a falar e voltam à etapa anterior.

Choro

> **TANTO CRIANÇAS** quanto adolescentes podem se mostrar mais sensíveis.

> **O CHORO MAIS FÁCIL** pode ser um sinal de alerta para ansiedade, estresse tóxico ou depressão.

Irritabilidade e agressividade

> **FIJAR IRRITADO** com mais facilidade ou agressivo são sintomas de ansiedade que podem aparecer em crianças e adolescentes, principalmente em situações em que a rotina foi quebrada e há sensação de insegurança. Não saber lidar com as emoções pode causar esses sintomas.

Medos e preocupações

> **MEDO DE FICAR** sozinho, de se perder dos pais, ligando inúmeras vezes para se certificar de que os pais estejam bem, quando os mesmos estão no trabalho, por exemplo, podem ser características de ansiedade.

> **É PRECISO** acolher, entender o medo e transmitir segurança.

Fonte: Especialistas consultados.

ESTRATÉGIAS



ACERVO PESSOAL

Desenhos e mais diálogo

A cabeleireira Lunna Dias, 37, notou quando o comportamento do filho mais novo, Pedro Henrique, de 13 anos, mudou por causa do isolamento social.

Sem poder encontrar os amigos e ainda tendo que em casa o tempo todo sozinho, ele começou a ficar

mais irritado.

“Percebi que estava passando muito tempo no computador. Se eu chamasse a atenção, ficava muito irritado ou choroso. Fiquei preocupada, tentei ajudar conversando mais e incentivando os desenhos que ele gosta de fazer”, salientou Lunna.

Passeios em família

O casal Fernanda Campana, 38, e Ricardo Cherubino Campana, 31, pais do estudante Paulo Ricardo, de 7 anos, notou que o filho ficou mais agitado e aflito por não poder abraçar os colegas, o que aumentou o grau de ansiedade e insegurança dele.

“Notamos que ele começou a roer unhas, teve insônia, medo de ficar sem pai e mãe. Sentiu muito a adaptação de demonstrar carinho e afeto sem o contato. Quando foi possível, ele foi para as aulas presenciais e fizemos alguns passeios. Acredito que tenha ajudado um pouco”, disse Fernanda.

ACERVO PESSOAL

